COLETIVOS, MULHERES E CRIANÇAS EM MOVIMENTOS: NA PANDEMIA, DO PODCAST AO LIVRO

DOI: 10.11606/9786587047133

Marcia Aparecida Gobbi
Juliana Diamente Pito
(organizadoras)

FE-USP

SÃO PAULO, 2021

COLETIVOS, MULHERES E CRIANÇAS EM MOVIMENTOS: NA PANDEMIA, DO PODCAST AO LIVRO

Marcia Aparecida Gobbi
Juliana Diamente Pito
(organizadoras)

DOI: 10.11606/9786587047133

FEUSP
São Paulo, 2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: PROF Dr VAHAN AGOPYAN

VICE REITOR: PROF Dr ANTONIO CARLOS HERNANDES

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROF Dr MARCOS GARCIA NEIRA

PROF Dr. VINICIO DE MACEDO SANTOS

ORGANIZADORAS

MARCIA APARECIDA GOBBI

JULIANA DIAMENTE PITO

EDIÇÃO E EDITORAÇÃO

BEATRIZ BITU BOSS

CAPA E ILUSTRAÇÃO DA CAPA

MARIANA CABRAL

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

ELIANA HELENA MARÇAL

ISBN: 978-65-87047-13-3 (E-book)
DOI: 10.11606/9786587047133

FEUSP

SÃO PAULO, 2021

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Common* indicada.

Universidade de São Paulo
Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan
Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hrnandes

Faculdade de Educação
Diretor: Prof. Dr. Marcos Garcia Neira
Vice-Diretor: Prof. Dr. Vinício de Macedo Santos

Direitos desta edição reservados à FEUSP
Avenida da Universidade, 308
Cidade Universitária – Butantã
05508-040 – São Paulo – Brasil
(11) 3091-2360
E-mail: spdfe@usp.br
http://www4.fe.usp.br/

Catalogação na Publicação
Biblioteca Celso de Rui Beisiegel
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

C694 Coletivos, mulheres e crianças em movimentos: na pandemia, do *podcast* ao livro. / Organizadores Marcia Aparecida Gobbi, Juliana Diamente Pito. São Paulo: FEUSP, 2021.
464 p.

Vários autores
ISBN: 978-65-87047-13-3 (E-book)
DOI: 10.11606/9786587047133

1. Formação de professores. 2. Coletivos e movimentos sociais. 3. Infâncias e crianças. 4. Feminismo e gênero. I. Gobbi, Marcia Aparecida (org.). II. Pito, Juliana Diamente (org.). V. Título.

CDD 22ª ed. 371.12

Ficha elaborada por: **José Aguinaldo da Silva CRB8ª: 7532**

APRESENTAÇÃO

CONVITE À LEITURA: LUTO, LUTA E SONHO: VERBO EM VIDA **08**

Adriana Silva, Ana Lúcia Goulart de Faria

INTRODUÇÃO

EM TEMPOS DE PANDEMIA: MOVIMENTOS, VIDA E MORTE E A PRODUÇÃO DE PENSAMENTOS EM PODCAST E LIVRO – COMEÇO DE CONVERSA **14**

Marcia Gobbi, Juliana Diamente Pito

E SE FALAR DE INFÂNCIAS FOSSE FALAR DO MUNDO TODO? **35**

Helena Silvestre

PARTE 1 - COLETIVOS EM MOVIMENTOS

UNIGRAJA: POR UMA QUEBRADA EDUCADORA AUTÔNOMA **41**

Estela Cunha e Tiago Borges com a colaboração de Agência Cresce, Casa Ecoativa, Cooperpac, Graja na Cena, Imargem e Salve Selva

TERRITÓRIOS EDUCATIVOS, CURRÍCULOS DE RESISTÊNCIA E AQUILOMBAMENTOS EM SÃO PAULO **60**

Lívia Freitas, Solange Amorim

POÉTICAS PERIFÉRICAS **73**

Suzi Soares

SARAU DA COOPERIFA **78**

Lu Souza

MEMÓRIAS DA BRASILÂNDIA **83**

Sonia Bischain

EDUCAR EM COMUNIDADE: EDUCAÇÃO, COLETIVOS CULTURAIS E MOVIMENTOS SOCIAIS (zona noroeste) **92**

Marcia Cordeiro Moreira

COLETIVOS PULSAM NO FUNDÃO DA ZL: ALGUÉM NA ESCUTA? ENSAIO SOBRE O COLETIVO INFÂNCIAS ZONA LESTE **109**

Adriana Ferreira Daffre, Ana Paula Guimarães, Bartira Cruz Landim Belarmino, Janaina Vargas de Moraes Maudonnet, Lais Vilela

ENTRE TERRA E ALIMENTOS SAUDÁVEIS AS MULHERES DO GAU (GRUPO DE AGRICULTURA URBANA) E O PLANTIO NA QUEBRADA: PRINCÍPIOS DO COMUM? 120

Vilma Martins, Maria Helena Caroba, Marcia Aparecida Gobbi

O PARQUE DA ЯESISTÊNCIA: ENTRE UTOPIAS, RESGATES E FUNDAMENTOS 128

Coletivo Parque da Resistência

JUNTAS NA LUTA – UM BREVE RESUMO DE NOSSA HISTÓRIA 145

Sheyla Melo

PARTE 2 - EM MOVIMENTOS

MOVIMENTOS SOCIAIS EM DEFESA DA EDUCAÇÃO INFANTIL 155

Janaína Vargas de Moraes Maudonnet

AS VOZES QUE ECOAM NA PANDEMIA: A ESCUTA COMO DESAFIO PARA GARANTIA DOS DIREITOS DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS 166

Célia Regina Batista Serrão, Renata Cristina Dias Oliveira

MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE PRIMEIRA INFÂNCIA, GÊNERO E PANDEMIA 175

Gabriela Tebet, Alex Menezes Matsuyama, Cintia De Paula Borges Menezes, Heloísa A. Matos Lins

BEBÊS E POLÍTICAS DE CUIDADO EM TEMPOS DE PANDEMIA 192

Marina Rebeca de Oliveira Saraiva, Rosamaria Giatti Carneiro

BEBÊS E CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS SOBRE OS EFEITOS DA PANDEMIA 202

Fernanda Cristina de Souza, Karina Pauliquevis Siqueira Ferreira

CRIANÇAS DO PASSADO: "SANKOFANDO" COM NOSSAS RAÍZES E COLORINDO NOSSAS HISTÓRIAS 214

Ellen de Lima Souza

DESENHAR E FOTOGRAFAR COM CRIANÇAS NA CIDADE: CRIANDO OUTROS TEMPOS NO ESPAÇO URBANO 226

Lilith Neiman

REGISTROS DO QUE NÃO FOI ESCRITO: PASSADO E PRESENTE DAS CRIANÇAS NAS CIDADES 237

Maria Cristina Stello Leite

CORTEJOS POÉTICOS: VISIBILIDADES E EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS NA CIDADE 246

Dilma Ângela da Silva

CRIANÇAS PELA CIDADE: CIDADANIA, POÉTICA E RESISTÊNCIA 258

Vanessa de Oliveira Santos

É POSSÍVEL ASSOCIAR INFÂNCIA E DITADURA? 271

Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha Teles)

IMIGRAÇÃO E INFÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA 280

Julia Audi Feigenblatt

A URGÊNCIA DA LEGALIZAÇÃO DO ABORTO NO BRASIL 290

Sonia Coelho

DESIGUALDADES, VIOLÊNCIAS E PANDEMIA: MULHERES EM REDES NA CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA CRÍTICA FEMINISTA 301

Rosa Silvia Lopes Chaves, Daniela Finco

O DIREITO À EDUCAÇÃO INFANTIL DE QUALIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM RECORTE DE GÊNERO 313

Carolina Faria Alvarenga

E AGORA? NÃO TEM ESCOLA. AS MULHERES E AS CRIANÇAS NA PANDEMIA 322

Margarida de Sousa Barbosa

FAMÍLIAS NA ESCOLA: UM EXERCÍCIO DE DEMOCRACIA 331

Luana Copini

A MULHER NEGRA EM TEMPOS DE PANDEMIA 338

Nanci Helena Rebouças Franco, Ana Cristina Leal Ribeiro

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL 348

Idanileko awon Oluko ati Eko Igbani Nimoran nipa Eko eleyameya nipa eko Alakobere[1]

Lucimar Rosa Dias, Nanci Helena Rebouças Franco

VIDAS INDÍGENAS IMPORTAM: A SITUAÇÃO DOS OMÁGUA KAMBEBA **359**

Priscila da Silva Oliveira, Nádia Massagardi Caetano da Silva

DADOS E FATOS DE UM GENOCÍDIO EM CURSO: A PANDEMIA E OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL **369**

Nádia Massagardi Caetano da Silva, Patrícia Rodrigues (Pagu), Priscila da Silva Oliveira

TRAJETOS DAS CRIANÇAS GUARANI NA CIDADE DE SÃO PAULO **379**

Silvia Di Eusanio

UNIDAS COMO UMA ROCHA: O *PAREDÃO* DAS MULHERES DO LUTA POPULAR **390**

Fabrícia Carla Viviani, Irene Maestro Sarrion dos Santos Guimarães

ESPAÇO DO AUSENTE: RUAS E MUROS COMO SUPORTE DE PRESENÇAS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL **402**

Beatriz Bitu Boss

GRAFITE E PANDEMIA NO OLHO DA RUA **421**

Carolina Teixeira – ITZÁ

PARTE 3 – ENTRIMAGENS

[1] Tradução do título para a língua iorubá realizada pelo ministrante do curso da língua, nigeriano e radicado em Curitiba (PR), Daniel Abidemi Adebayo Majaro. Se quiser conhecer a escrita com as marcações linguísticas e a pronúncia, visite este *link:* https://drive.google.com/drive/folders/15PKVO5JMTQvVu3ZRi14dg0WjGX0eYlj1?usp=sharing

UNIDAS COMO UMA ROCHA: O *PAREDÃO* DAS MULHERES DO LUTA POPULAR

*Fabrícia Carla Viviani**

*Irene Maestro Serrión dos Santos Guimarães***

"O mundo não pode parar. E o mundo parou", escreveu Ailton Krenak, em *O amanhã não está à venda*, publicado em abril de 2020. Naquele momento, o isolamento era uma realidade mundial para tentar contornar a crise sanitária causada pela covid-19. No Brasil, quatro meses depois e mais de 100 mil mortos[158], percebemos que a quarentena é um privilégio de alguns grupos em detrimento de outros. Experiências diversas de pandemia são produzidas com um isolamento seletivo, marcado pela racialização e pelo esgarçamento de desigualdades estruturais, sugerindo que a vulnerabilidade não é uniforme, e nem o vírus é democrático (SANTOS, 2020).

Ao encontrar uma sociedade acometida pelo desemprego e pela crise econômica, a pandemia revela duas dinâmicas interligadas: neoliberalismo e emergência climática (NUNES, 2020). É resultado de políticas de austeridade, com décadas de dilapidação do sistema de saúde pública, bem como de outros sistemas sociais, e de sujeição da natureza à lógica do capital globalizado, com intensa pilhagem dos bens naturais. A essa natureza do capitalismo contemporâneo, soma-se uma racionalidade neoliberal, uma *nova razão do mundo*, como apontado por Christian Laval e Pierre Dardot (2016), que capitaliza todas as nossas relações e cria como lógica de conduta a competitividade generalizada, sujeitando todas as dimensões da existência humana à lógica da empresa. O conjunto desses discursos, práticas e dispositivos fragiliza certas maneiras de se viver, descoletiviza a ação e destrói formas sociais de vida e de solidariedade coletivas.

O isolamento e a pandemia escancaram os mecanismos mortíferos do neoliberalismo e desnudam os limites de um sistema que reduz a vida e a natureza a números lucrativos, evidenciando que algumas vidas valem menos que outras. A operacionalização da retomada das atividades, sem que haja uma desaceleração do contágio pelo vírus, sugere que não há uma negligência do Estado brasileiro, mas a realização de uma política fundamentada no

[158] Dados Ministério da Saúde. Disponível: https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 10 ago. 2020.

necroliberalismo, um genocídio de corpos racializados, como nos sugere Achille Mbembe.[159] Para Luci Cavallero e Verônica Gago[160], a novidade nessa estrutura de necropolítica neoliberal é o espetáculo on-line do contador digital, que traz em tempo real o quantitativo de vidas descartadas pelo sistema.

Entretanto, parece-nos que a defesa da manutenção da economia e o retorno de uma suposta normalidade não são capazes de neutralizar por completo os efeitos abertos pela pandemia. Seu legado consiste em demonstrar esses limites em fina sintonia com a exigência de outras formas de organização das sociedades. Expõe as diversas desigualdades, mas também abre brechas potentes de rupturas ao elaborar/evidenciar formas sociais alternativas ao modo capitalista de produção e reprodução da vida.

Na obra já citada, Ailton Krenak (2020) alertava para o desafio que o vírus trouxe à humanidade por ser a resposta ao nosso estilo insustentável de ser e viver; da nossa vida descolada da biodiversidade, que "suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, existência e de hábitos". Assim, a existência do vírus não exige simplesmente uma mudança no calendário das diversas atividades suspensas. Não haverá retorno à chamada normalidade, àquela brutalidade da violência cotidiana, cujas contradições desencadearam a situação presente. A ruptura com a "normalidade", provocada pela pandemia, abre uma oportunidade para explorar outras possibilidades para a sociedade em que vivemos. Nas palavras de Krenak (2020), "as mudanças já estão em gestação" e nela "temos que parar de vender o amanhã"!

E a potência dessa "mudança em gestação" está na leitura feminista do presente[161]. São as mulheres que lideram a "luta para mudar o mundo" (FEDERICI, 2020), pautam "horizontes de libertação coletiva" (CORTEZ; MOREIRA; GODOY, 2020) e articulam o "cuidado, o comum e o compartir" (GAGO, 2020). Há tempos elas demonstram que as alternativas para as crises não vêm do Estado e muito menos do mercado. Lideram movimentos paralelos que ganham força nas periferias como formas estratégicas de sobrevivência, mas, sobretudo, como novas formas de se autogovernar e de se viver. Enfrentam cotidianamente o desafio de se fazer existir, a si e aos seus, e travam lutas que envolvem perspectivas de transformação social articulada em torno da comunidade (FEDERICI, 2019).

---

[159] BERCITO, Diogo. Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da 'necropolítica'. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 mar. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml?origin=folha. Acesso em: 01 ago. 2020.

[160] CAVALLERO, Luci; GAGO, Verônica. As novas lutas feministas no pós-pandemia. *Outras Mídias*, 24 jul. 2020. Disponível em: https://outraspalavras.net/outrasmidias/as-novas-batalhas-feministas-no-pos-pandemia/. Acesso em: 26 jul. 2020.

[161] GOULART, Domenique. Notas sobre uma leitura feminista da pandemia. *Le Monde Diplomatique*, 31 mar. 2020. Disponível em: https://diplomatique.org.br/notas-sobre-uma-leitura-feminista-da-pandemia/. Acesso em: 31 jul. 2020.

Nas lutas locais por moradia, as mulheres são articuladoras centrais do cotidiano construído a partir da luta *no* e *pelo* território, reorganizado politicamente a partir da expressão de suas iniciativas comunais. *Nele* e por meio *dele*, elas são a "resistência primária" (FEDERICI, 2020). São ações como essas que compõem a base do grupo de mulheres do Luta Popular[162], um movimento social que organiza territorialmente trabalhadoras e trabalhadores, entre os setores mais espoliados, mobilizando e construindo coletivamente lutas diretas a partir "dos de baixo" por aquilo que é cotidianamente negado "pelos de cima" e contra a violência com que essa ordem hierárquica se impõe. Assim, em ocupações urbanas ou rurais e em comunidades localizadas nas periferias das cidades, o movimento desenvolve lutas plurais por moradia, contra despejos, por alimento, cultura, creche, saúde, contra a violência policial, por melhorias nos bairros, dentre outras demandas.

Nesse sentido, a proposta deste capítulo é apresentar algumas das experiências desenvolvidas por mulheres durante esta pandemia da covid-19, em ocupações onde o Luta Popular atua. São eles: Ocupação Esperança, em Osasco; Ocupação dos Queixadas, em Cajamar; Ocupação Jardim da União, no Grajaú, em São Paulo; Ocupação Quilombo Coração Valente, em Jacareí; Ocupação do Pinheiral, no Jardim Ângela, São Paulo; favela do Olaria, no Campo Limpo, São Paulo; e favela do Canão no Parque Santo Antônio, também na capital paulista. Nesses territórios, vislumbram-se experiências das populações pobres e periféricas, em que as mulheres lideram e constroem múltiplas formas de auto-organização da vida para o enfrentamento de dificuldades cotidianas, como despejos e emergência alimentar e habitacional.

Elas exercem o protagonismo desses processos de enfrentamento ao sistema de opressões, ao tornarem públicas e coletivas as tarefas essenciais à sobrevivência, até então suportadas na esfera privada. O relato de Aline, moradora da Ocupação Esperança, sobre a experiência da cozinha, expressa a potência dessa auto-organização coletiva que tem nas mulheres um elemento fundante: "Eu comecei a ajudar na organização da cozinha [...] é um sentimento muito louco, porque antes da ocupação eu pensava como que ia fazer pra alimentar meus filhos, e depois da ocupação a gente começou a pensar como que ia fazer pra alimentar mil famílias"[163]. A responsabilidade socialmente imposta às mulheres sobre as tarefas de reprodução da vida, somada às violências historicamente acumuladas, empurra-as para a luta pela moradia, cumprindo um papel central de articulação e organização comunitária, sendo sempre a "linha de frente" das mobilizações.

---

[162] Luta Popular. Página movimento: https://www.facebook.com/lutapopular/.
[163] Mini documentário "Mulheres da Esperança". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I4K4xnCa74A&t=6s. Acesso em: 31 jul. 2020.

Na direção do que nos coloca Helena Silvestre (2020), a construção dessas ferramentas de luta simboliza o "muro de mulheres faveladas", que, atuando em defesa da vida, são, portanto, fundamentais para barrar a violenta expansão do capital. Nesses territórios, vislumbram-se experiências que representam uma organização coletiva que permite outras formas de se viver o território e o lugar. Nas palavras de Dona Zefinha, moradora da Ocupação Esperança: "Nós, juntas e misturadas, fazemos uma força maior, somos mulheres, e juntas temos que fazer uma rocha!"[164].

Por nós e para nós

A emergência da crise sanitária foi acompanhada por confusões e dúvidas sobre a gravidade e as consequências do vírus. Para o Luta Popular, ficaria evidente que os setores mais atingidos seriam justamente os que se organizam no movimento. Em manifesto produzido em 17 de abril de 2020[165], denominado *Bolsonaro reafirma sua política genocida contra o povo pobre*!, o movimento alerta que ainda que a pandemia do coronavírus tenha escancarado as desigualdades, o "verdadeiro vírus chama-se: capitalismo". Segundo o documento: "Somos os 40 milhões de trabalhadoras e trabalhadores informais, 12 milhões de desempregados, e 14 milhões na extrema pobreza que não têm nenhuma garantia de sustento. Somos os 50% da população que não têm nem fornecimento regular de água para lavar as mãos". E complementa: "Somos as mulheres, negras, mães, da periferia, que cuidam de seus filhos sem ajuda de ninguém. Somos os idosos que tiveram os benefícios sociais cortados. Somos aquelas e aqueles que estão relegados à própria sorte nesse momento".

Nessa perspectiva, as mulheres do Luta Popular têm criado uma rede de comunicação horizontalizada, contribuído na construção e disseminação de uma cartilha para esclarecimento e orientações, na produção de um "programa de WhatsApp", *Podcast Mulheres na Luta,* atuando diretamente com solidariedade ativa, efetivada especialmente por meio da "Campanha Nacional de Solidariedade entre os de Baixo".

Afinal, nossos tempos pandêmicos trazem à tona o conjunto de vulnerabilidades e desigualdades que afeta a vida cotidiana das mulheres, em especial das mulheres periféricas, e escancara realidades e experiências diversas. Cenário que revela, de maneira mais radical, as condições estruturais e históricas das diversas formas de opressão e exploração das mulheres. Como salienta Denise Pimenta (2020, p. 17), a "pandemia tem rosto de mulher", mas não de

---

[164] Mulheres de Luta. Episódio 8 "Unidas como uma rocha!". Disponível em: https://soundcloud.com/user-62757493/episodio-8-unidas-como-uma-rocha. Acesso em: 31 jul. 2020.

[165] Disponível em: http://periferiaemmovimento.com.br/luta-popular-faz-intervencoes-nas-periferias-contra-politica-de-bolsonaro-diante-da-pandemia/. Acesso em: 31 jul. 2020.

qualquer mulher. "Toda pandemia é generificada, racializada e tem classe social, pode-se dizer que a crise do novo coronavírus no Brasil tem cara de mulher preta e periférica e, muitas vezes, deficiente. Ou seja, a pandemia afeta, mesmo que não mate, a base da pirâmide social brasileira".

A atuação das mulheres do Luta Popular acompanha os impactos imediatos provocados pela pandemia, mas, ao mesmo tempo, caminha no sentido da reconstrução de novos lares e novas vidas. A primeira iniciativa que expressa essa auto-organização foi a produção da Cartilha[166] popular sobre o coronavírus para ocupações, favelas e comunidades periféricas a partir do lema "*Por nós e para Nós*": "Não podemos esperar dos governos! Precisamos nós, o povo pobre e trabalhador, coletivamente nos defender do coronavírus". Com o objetivo de socializar informações produzidas pelo movimento, a cartilha traz como se proteger individual e coletivamente, adaptando as recomendações emitidas pela mídia e governos à realidade da periferia e se utilizando das experiências existentes de auto-organização, agora direcionadas para a nova situação da pandemia.

Além de parte fundamental das orientações ter sido elaborada pelas mulheres (como a indicação de alimentos e hábitos que ajudam a aumentar a imunidade ou a organização coletiva para o monitoramento do adoecimento entre as famílias), foram, sobretudo as mulheres, as primeiras a organizar a distribuição nas ocupações[167], conversar com os moradores e moradoras e tirar dúvidas, firmando-se como importantes pontos de apoio nas comunidades. Mulheres de cinco das ocupações também se envolveram no processo solidário de produção de máscaras, enviadas de uma ocupação a outra ou distribuídas internamente.

Nesses territórios tão espoliados e violentados, o acompanhamento e cuidado com os demais já é uma prática desenvolvida entre e pelas mulheres. Assim, saber quem estava doente, orientar como evitar contágio, prescrever e fornecer medicamentos naturais para fortalecer o corpo, bem como o amparo emocional são exemplos das ações desempenhadas por aquelas que sempre tiveram como tarefa social a defesa e proteção da vida.

A proteção da vida implica em proteção de si e de suas companheiras. É notório o aumento dos casos de violência contra as mulheres durante a pandemia[168], afetando

---

[166] Disponível em: http://cspconlutas.org.br/2020/03/acesse-a-cartilha-do-luta-popular-para-os-mais-pobres-enfretarem-o-conoravirus/. Acesso em: 16 ago. 2020.

[167] Imagens da distribuição das cartilhas podem ser visualizadas na página do Luta Popular no *Facebook*: https://www.facebook.com/lutapopular. Acesso em: 16 ago. 2020.

[168] Várias organizações têm apontado o aumento dos índices de violência contra a mulher durante o isolamento social não apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo. Segundo a ONU Mulheres (2020), no Rio de Janeiro, houve aumento de 50% nas denúncias de violência de gênero. Dados elaborados pelo Fórum Brasileiro de

especialmente mulheres pobres, pretas, moradoras da periferia. Dessa forma, a partir de uma situação de violência doméstica ocorrida na Ocupação dos Queixadas, o grupo de mulheres daquela ocupação procurou as outras mulheres do movimento para pensar ações conjuntas durante a pandemia. Como havia o problema da necessidade de distanciamento social, surgiu a ideia de construir um "programa de WhatsApp" que permitisse a troca entre as mulheres das diferentes ocupações. Como disse Manuela, da Ocupação Esperança: "É importante as mulheres vítimas entenderem que elas não estão sozinhas. Entender que se a gente não se organizar, não se unir, mais e mais mulheres vão morrer vítimas dessas relações abusivas" [169].

Surgiu, então, o *podcast Mulheres de Luta*, com 11 episódios, cuja proposta foi reunir relatos, depoimentos, perguntas que permitissem realizar trocas, prestar amparo, ajudar na formulação de "saídas" auto-organizadas para os problemas vivenciados, promover a escuta, e, assim, estreitar os laços de solidariedade e apoio mútuo durante esse período. O programa foi inaugurado com o episódio número *zero*, com a história de luta e a organização das mulheres de cada uma das Ocupação, e aborda os principais problemas enfrentados pelas mulheres e evidenciados pela pandemia.

Mesmo com a intensificação da violência observada nos últimos meses, articulam-se também as formas coletivas de enfrentá-la. Maura, da Ocupação Esperança, ilustra a importância da rede entre mulheres: "Não adianta a gente julgar [...] ninguém apanha porque quer. Às vezes, a pessoa quer uma palavra, um incentivo, uma coragem pra sair dessa situação. Por isso, nós mulheres temos que nos unir e dar força umas às outras" e "é muito difícil ver uma companheira nossa sofrendo violência doméstica [...]. É muito importante [...] a iniciativa que a gente está fazendo aqui"[170]. E o exemplo mais elementar dessa troca é a pergunta de Margarete, do Pinheiral: "eu vivo uma situação assim: eu tenho um vizinho meu que vem aqui na minha porta e fica falando que nordestino é tudo burro, principalmente as mulheres [...] e quando ele fala isso eu fico muito irritada [...] eu gostaria de saber de outras mulheres, de outras ocupações, como eu faço pra estar lidando com essa situação". [171]

Segurança Pública, em *Violência Doméstica durante a pandemia de COVID-19*, apontam que no estado de São Paulo, por exemplo, houve crescimento de 45% nas ocorrências registradas em março de 2020, em comparação com o mesmo mês de 2019. Há que se considerar também a dificuldade que as mulheres encontram para fazer denúncias de violência. Nessa mesma nota técnica, o Fórum apresenta dados digitais sobre violência doméstica com as menções de episódios em rede social (Twitter), com aumento de 431% de relatos, entre fevereiro e abril de 2020.

[169] Disponível em: https://soundcloud.com/user-62757493/episodio-9-violencia-contra-a-mulher. Acesso em: 16 ago. 2020.

[170] Disponível em: https://soundcloud.com/user-62757493/episodio-1-violencia-domestica. Acesso em: 16 ago. 2020.

[171] Disponível em: https://soundcloud.com/user-62757493/episodio-1-violencia-domestica. Acesso em: 16 ago. 2020.

Há que se considerar que um dos principais elementos que sustenta a violência contra os corpos feminilizados na sociedade capitalista, conforme nos alerta Silvia Federici (2017), é a sujeição econômica das mulheres aos homens, pelo fato de esses retirarem delas as condições de autorreprodução da vida. As palavras de Catiana, da Ocupação Jardim da União, ilustram esse aspecto, no entanto elas também apontam para resistências cotidianas: "A violência é muito mais presente na vida das mulheres que não têm uma renda fixa, aquela que não tem um poder aquisitivo e depende totalmente do marido. Mas nem por isso devemos ficar na posição de vítima [...] toda mulher deve sair de sua cápsula [...]. Tem direito de ser respeitada e valorizada"[172].

As situações de violência não se resumem ao aumento e à intensificação do que é mensurável, potencializado/incrementado pelo confinamento com agressores. A sobrecarga de trabalho das mulheres, esgarçada com a pandemia, é resultado da divisão sexual do trabalho que destina às mulheres o trabalho reprodutivo, o exercício emocional da responsabilização do cuidado, o cuidar e a administração do lar. Esses aspectos da sobrecarga das atividades do cuidado estão presentes no depoimento de Ana Paula, da Ocupação Esperança: "fora que nós que somos mulheres [...] ainda temos as obrigações de casa. [...] os homens acham [...] que é obrigação nossa[173].

Para além do âmbito privado, essas mulheres enfrentam também a violência do trabalho precário e mal remunerado. Entretanto, quando falamos da vida das mulheres durante a crise sanitária, é preciso demarcar sobre quem falamos, pois nas experiências das mulheres há hierarquizações de classe, de gênero e de raça, delimitando a racialização generificada do trabalho doméstico. Nas classes média e alta, geralmente, há delegação do cuidado para outras mulheres, em geral, pobres e pretas[174], o que também permite que os homens sigam desresponsabilizados pelas atividades do cuidado e do trabalho doméstico. Denise, da Ocupação dos Queixadas, relata os impactos da pandemia nos trabalhos que já eram precarizados: "Eu não trabalho, estou desempregada. Sempre trabalhei na área da limpeza. Dava pra sobreviver sim com esse trabalho, eram todas terceirizadas. Nessa pandemia ficou ruim, né? Ficou ruim porque as empresas não tão querendo pegar". Aponta também que nessa forma de trabalho as possibilidades estão ainda mais reduzidas: "Tem empresas que aderiram o *home office*,

---

[172] Disponível em: https://soundcloud.com/user-62757493/episodio-9-violencia-contra-a-mulher. Acesso em: 16 ago. 2020.
[173] Disponível em: https://soundcloud.com/user-62757493/2-episodio-do-programa-mulheres-de-luta-educacao-em-tempos-de-pandemia. Acesso em: 16 ago. 2020.
[174] Segundo o IPEA (2020, p. 7), no Brasil há atualmente 6 milhões de trabalhadoras domésticas, correspondendo a quase 15% das trabalhadoras ocupadas, dentre elas 10% das brancas e 18,6% das negras.

só que pra minha área já fica mais difícil, porque isso não existe, né? Pra área da limpeza. E muitas empresas acabam mandando embora"[175].

A combinação dessas opressões com a violência da fome faz com que essas mulheres se vejam mergulhadas em condições de insegurança alimentar e sanitária. As palavras de Mara, da Ocupação Esperança, exprimem esse desespero: "Eu, como mãe, como vó, como mulher, dói muito ver essa situação, de muita gente reclamando que tá passando fome, que ninguém faz nada [...] se pudesse sair ajudando todo mundo, eu acho que a gente faria, porque a gente pensa num filho nosso amanhã, num neto amanhã". Mas também aponta alternativas a partir da luta coletiva: "O que resta só pra gente é pedir a Deus pra ter força pra poder suportar essas coisas e partir pra luta, pra ver se a gente junta, porque a gente junta consegue ser mais forte, e ir pra luta pra gente vê se a gente consegue mudar essas coisas".

Uma das ações para essa "mudança das coisas" foi a articulação da "Campanha Nacional de Solidariedade entre os de Baixo", que buscou arrecadar doações para distribuição de alimentos e materiais de higiene e limpeza nas ocupações e bairros, cujo ponto de apoio fundamental foram as mulheres. Ter e constantemente atualizar informações sobre situação familiar, quantidade de crianças, idosos, gestantes, pessoas portadoras de deficiência, desempregados e desempregadas, portadores de comorbidades, saber quem conseguiu acessar o auxílio emergencial ou não permitiram elaborar formas mais adequadas de distribuição conforme as necessidades de cada família. A coleta, montagem de "*kits*" ou cestas, organização da ordem de prioridades, destinação de itens de acordo com as especificidades, divulgação, entrega foram realizadas sobretudo pelas mulheres[176].

Parte dos recursos obtidos com a campanha também foi utilizada para a compra de alimentos provenientes da agricultura familiar, produzidos por assentamentos rurais. Isso permitiu, por meio da unidade e solidariedade entre campo e cidade, tornar possível que trabalhadoras e trabalhadores dos movimentos sem-terra pudessem escoar sua produção num momento de notáveis dificuldades, bem como a chegada de alimentos saudáveis, orgânicos, sem venenos, nas ocupações e periferias onde o movimento tem atuação, garantindo uma maior segurança e qualidade alimentar. A importância dos cuidados com a saúde – desempenhado historicamente pelas mulheres – ganhou visibilidade e foi valorizada pela realidade da pandemia.

---

[175] Disponível em: https://soundcloud.com/user-62757493/6-episodio-do-programa-mulheres-de-luta-trabalho-em-tempos-de-pandemia. Acesso em: 16 ago. 2020.
[176] Vídeos de entregas de doações da campanha podem ser consultados na página do Luta Popular no *Facebook*: https://www.facebook.com/lutapopular. Acesso em: 16 ago. 2020.

O grupo das mulheres do Luta Popular se organiza também para confrontar outros tipos de violência, como aquelas a que seus filhos estão submetidos, seja aquela presenciada no âmbito familiar, seja aquela provocada pelo Estado, que os privam de serviços públicos essenciais. Ana Paula, moradora da Ocupação Esperança, relata as dificuldades da imposição de uma rotina de tarefas escolares que desconsideram as adversidades da realidade da periferia. As dificuldades em dar conta dos trabalhos domésticos, do trabalho "fora de casa", da ajuda aos três filhos na realização das tarefas escolares, bem como suas próprias atividades da faculdade, sem acesso à internet ou aparelhos celulares ou *notebooks* para estudar[177].

Diante disso, outras experiências puderam ser compartilhadas e aprofundadas. Na Ocupação dos Queixadas, as mulheres impulsionaram um processo de organização para ajudar umas às outras. Foram montados grupos de estudos com as crianças, coordenados por mulheres, enquanto as outras mulheres mães se liberam para realizar suas atividades e, assim, compartilhar a sobrecarga com as tarefas do cuidado. Vanessa, que coordena essa experiência, destaca a importância da auto-organização no cuidado com as crianças: "A ideia é a gente estar sempre ajudando um ao outro, a gente mesmo se auto-organizar, porque a gente sabe que esse governo que tá aí num dá a mínima pra educação". E complementa: "Seria muito importante que todas as ocupações [...] tivessem sempre um grupo de pessoas que pudesse se disponibilizar a poder estar ajudando nisso nessa pandemia. [...] Sempre foi, mas agora é muito mais nóis por nóis mesmo [...], e as crianças são parte disso"[178].

Além da violência da omissão às necessidades mínimas, a violência ativa do Estado aflige sobremaneira a vida dessas mulheres da periferia, seja pelos despejos, seja pelo genocídio em suas comunidades. Ainda que a melhor recomendação para conter o avanço do vírus seja "ficar em casa", isso é um privilégio não gozado pelas mulheres pobres, negras, periféricas, na medida em que as reintegrações de posse não deixaram de acontecer[179]. Dessa forma, diante do agravamento das dificuldades, a luta pela moradia seguiu sendo mobilizada, por meio do envolvimento das mulheres com a realização de assembleias, orientações às famílias, reuniões de

---

[177] Disponível em: https://soundcloud.com/user-62757493/2-episodio-do-programa-mulheres-de-luta-educacao-em-tempos-de-pandemia. Acesso em: 16 ago. 2020.
[178] Disponível em: https://soundcloud.com/user-62757493/2-episodio-do-programa-mulheres-de-luta-educacao-em-tempos-de-pandemia. Acesso em: 16 ago. 2020.
[179] SOARES, Leonardo. Quantidade de remoções e despejos dobra em SP na pandemia. *UOL*, 03 ago. 2010. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2020/08/03/numero-de-remocoes-e-despejos-dobram-em-sp-na-pandemia.htm. Acesso em: 16 ago. 2020.

negociação com prefeituras, dentre outras ações. Também persiste o extermínio da população negra, com aumento exponencial durante a pandemia[180].

O relato de Ana, da Ocupação Esperança, expressa o racismo estrutural e a falácia da democracia racial, conforme sugere Sílvio de Almeida (2019):

> Venho comunicar pra vocês que a gente passou um episódio muito triste aqui na nossa Ocupação Esperança, a polícia invadiu, matou dois jovens, entendeu? Que poderia ter toda uma vida pela frente e foi ceifada. É triste, porque a gente vive em comunidade e não tem o respeito, né? Eles acham que pode entrar, fazer o que quiser [...] eles não dão valor à vida das pessoas, pra eles pobre, preto, da periferia é tudo marginais [...] a realidade não é isso, é pessoas que não tiveram oportunidade na vida [...]. Não tem cabimento o que aconteceu aqui com a gente [...] esperamos que isso não aconteça em outras comunidades[181].

As vivências dessas mulheres do Luta Popular, sintetizadas aqui, exibem a urgência de se repensar a posição social das mulheres. Em seus corpos feminilizados coexistem, de forma potencializada com a pandemia, os efeitos da sobrecarga do trabalho reprodutivo, da responsabilização pelo cuidado, do fardo do trabalho doméstico, do agravamento da violência doméstica, do lugar que ocupam na esfera produtiva, com postos de trabalhos precários, informais e/ou sub-remunerados ou o regime de *home office* em condições adversas, e do agravamento das múltiplas violências sofridas, sobretudo impostas pelo Estado. Em uma estrutura de classe inseparável do gênero racializado, exige-se a necessidade de se pensar em outras formas sociais, tecer outros mundos possíveis, em que a vida tenha centralidade.

Mexeu com uma mexeu com todas

As formas de auto-organização das mulheres do Luta Popular para o enfrentamento da pandemia da covid-19 foram possíveis a partir de sua experiência ativa e anterior para "puxar" a luta em suas comunidades, ressignificando o lugar da mulher. Moradora da Ocupação Esperança, Solange sintetiza o processo formativo nessa reconstrução:

> E fomos estudando, né? como lutar contra o machismo [...]. Foi onde a gente foi levantando a autoestima. Tinha muitas que sofriam muito caladas, sem saber como reagir. Nossa reunião das mulheres é tipo uma escola, e estamos aí tentando [...] e até temos nosso grito de guerra "mexeu com uma mexeu com todas"[182].

---

[180] Só no estado de São Paulo, a letalidade das polícias militar e civil foi 20% maior, comparado ao mesmo período de 2019. Letalidade policial bate recorde, e homicídios sobem durante a pandemia em SP. *Folha de São Paulo*, 24 jul. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/letalidade-policial-bate-recorde-e-homicidios-durante-a-pandemia-em-sp.shtml. Acesso em: 16 ago. 2020.

[181] Disponível em: https://soundcloud.com/user-62757493/4-episodio-do-programa-mulheres-de-luta-a-violencia-policial-nas-comunidades-e-o-racismo. Acesso em: 16 ago. 2020.

[182] Disponível em: https://soundcloud.com/user-62757493/episodio-numero-zero-do-programa-mulheres-de-luta. Acesso em: 16 ago. 2020.

Diante das adversidades impostas em seu cotidiano e agravadas pela pandemia, a auto-organização dessas mulheres expressa a gestação de uma radicalidade com potencialidade de contrarreação à sociabilidade vigente. Essas práticas, baseadas na organização em rede e na perspectiva da responsabilização coletiva do cuidado como modo de sobrevivência comunitária, permitem vislumbrar "mundos possíveis". Por serem sempre mais expostas e impactadas pelos efeitos devastadores do capitalismo, essas mulheres persistem, agem coletivamente e movem resistências. São essas características que sobressaíram no enfrentamento à covid-19, em que essas mulheres continuaram formando uma "rocha", "porque juntas são mais fortes".

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz. *O que é racismo estrutural?* São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019. (Feminismos plurais).

CORTEZ, Rayssa Saidel; MOREIRA, Marina Rago; GODOY, Veridiana. Emília. COVID-19, era de crises e a luta das mulheres pela vida. *Diálogos Socioambientais na Macrometrópole*, v. 5, p. 50-51, 2020.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia. Na luta para mudar o mundo: mulheres, reprodução e resistência na América Latina. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2020.

FEDERICI, Silvia. O feminismo e política dos comuns. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista*: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 379-394.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020. *Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19*. 20 abr. 2020. Disponível em: http://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf. Acesso em: 27 jul. 2020.

GAGO, Verônica. *A potência feminina*: ou o desejo de transformar tudo. São Paulo: Elefante, 2020.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Eplicada. Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil. *Diretoria de Estudos e Políticas Sociais*, Brasília, DF, n. 75, jul. 2020.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, n. 32, p. 123-151, 2016.

NUNES, João. A pandemia de COVID-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global. *Cadermno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-. Acesso em: 28 jul. 2020.

ONU. Organização das Nações Unidas. Mulheres. *Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe*: dimensões de gênero na resposta. Brasília, DF: ONU Mulheres Brasil, 2020.

PIMENTA, Denise. Pandemia é coisa de mulher: breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica. *Tessituras*, v. 8, p. 8-19, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SILVESTRE, Helena. Del punto cero al futuro: luchas por vivendas y apuntes para una gramática feminista de organización. *In*: GABO, Verônica. *La Internacional Feminista*: luchas en los territorios y contra el neoliberalismo. Buenos Aires: Tinta Limón, 2020. p. 57-73.

* **Fabrícia Carla Viviani** é cientista social pela UFSCAR, mestra e doutora em Ciência Política pela UNESP, pós-doutoranda em Educação pela FE-USP e professora do IFMS. E-mail: fabriviviani@gmail.com

** **Irene Maestro Sarrion dos Santos Guimarães** é Militante do Movimento Luta Popular, doutoranda em Direitos Humanos pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. E-mail: irenemaestro@gmail.com.